

Este eixo conjugará os trabalhos que tratam da relação entre Terapia Ocupacional e Trabalho, abordando tanto questões relativas ao aumento de participação social pelo trabalho como por exemplo, geração de trabalho e renda, inclusão pelo trabalho, Política Nacional de Economia Solidária. Bem como discussões que se referem ao campo da saúde e trabalho, tais como: Política Nacional de saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, reabilitação profissional, clinicas do trabalho (ergonomia, ergologia, psicodinâmica do trabalho, clínica da atividade) e temas correlatos.

Eixo 6 – trabalho

O ESTRESSE NA ATIVIDADE DE TRABALHO DOS AGENTES PENITENCIÁRIOS EM UM PRESÍDIO FEMININO EM JOÃO PESSOA-PB

*KAROLAYNE FISCHER DE OLIVEIRA, LAISSA LIVYA DE SOUSA
DANTAS, MAYELLE TAYANA MARINHO, SORAYA PAULINA DE OLIVEIRA
SALDANHA, WISLHYANE MONIKY LOPES DE OLIVEIRA, BARBARA IANSÃ DE
LIMA BARROSO*

Universidade Federal da Paraíba- PB

INTRODUÇÃO

A importância dos estudos voltados para o estresse dentro do ambiente de trabalho vem evoluído nas últimas décadas. Isso se configura em decorrência dos altos índices de estresse ocupacional no ambiente de trabalho, tendo como consequência uma diminuição dos índices de produtividade desse trabalhador.

O trabalho para o homem é algo responsável, dentre outras funções, por expressar seus valores, construção da sua maturidade e o significado de vida. A partir desses sentimentos, os trabalhadores reagem de formas diferentes às dificuldades existentes nas situações de trabalho, que podem ocasionar o estresse.

O estresse pode ser definido como uma resposta não específica do corpo a qualquer acontecimento ou circunstância ao qual esteja submetido. Este era visto como um estado corporal e não um componente do ambiente. O criador da moderna conceituação de estresse, Hans Selye (1936) definiu como sendo, essencialmente, o grau de desgaste total causado pela vida.

O ambiente de trabalho carcerário possui exigências que, muitas vezes, persistem além da capacidade de adaptação do indivíduo, como: ambientes úmidos, iluminação insuficiente, cadeiras inadequadas ergonomicamente, extensas jornadas de trabalho, precariedade no local de descanso/sono, pressão hierárquica, distribuição desigual de tarefas, dentre outros fatores.

As organizações do trabalho influenciam os aspectos psíquicos pessoais, de modo que podem ocorrer vivências de prazer e/ou sofrimento decorrentes do contexto de trabalho e da própria personalidade do trabalhador. Sendo assim, este é capaz de

causar efeitos sobre o organismo, que podem ser mais intensos, induzindo ao desgaste progressivo e, às vezes, ao esgotamento.

O sistema prisional tem como intuito a reabilitação do condenado a partir da premissa do isolamento. De acordo com Foucault (2007) para que o poder disciplinar atinja seu objetivo de adestramento dos corpos e se aproprie totalmente de sua utilidade, este deve garantir a vigilância hierárquica, por meio da arquitetura prisional, e a vigilância normatizada, por meio de privilégios que visam marcar os desvios e hierarquias, ao mesmo tempo em que castigam e recompensam. Além dos encarcerados, ele tem como um de seus integrantes fundamentais os agentes penitenciários, que possui a função de manter a ordem e vigiar a instituição. Estes indivíduos, também acabam sendo marginalizados, sendo perceptível a falta de investimento na prevenção e promoção da saúde desses trabalhadores, influenciando diretamente na sua produtividade.

Tornando assim, essa profissão como foco de estudo em saúde ocupacional. O termo saúde ocupacional é entendida como parte da saúde global das pessoas. O termo saúde ocupacional refere-se ao bem-estar estado mental, emocional e físico dos colaboradores no ambiente de trabalho, em relação às atividades desempenhadas. (MUCHINSKY, 2004).

O presente estudo ocorreu no Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão em João Pessoa/PB. Para seu desenvolvimento utilizado como método de coleta de dados a Escala de Estresse no Trabalho (EET). Esta possui 23 questões, divididas em três dimensões: demanda psicológica, controle (discernimento intelectual e autoridade sobre as decisões) e apoio social. (SILVA; YAMANDA, 2008). Ao todo, 18 agentes penitenciários participaram da pesquisa inicial, com a aplicação de questionário. A partir dos resultados obtidos, foram planejadas e desenvolvidas ações para redução do estresse no trabalho, através de palestras, materiais pedagógicos, oficinas e grupos de orientações.

OBJETIVO

O estudo teve como objetivo principal obter uma análise sobre os riscos psicossociais relacionados ao estresse no trabalho. Mensurando a prevalência e tendência para o desenvolvimento dos índices de estresse no trabalho, como forma de

conhecer quais os principais causadores de estresse no sistema carcerário. Embasando o desenvolvimento das atividades de extensão realizadas no Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, financiado pelo Programa de Apoio à Extensão Universitária MEC/SESu 2015.

METODOLOGIA

A pesquisa foi caracterizada como exploratória, possuindo caráter quantitativo, considerando a análise estatística de dados aferidos em escala. Para sua realização utilizamos a Escala de Estresse no Trabalho por. (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). A amostra foi constituída por dezoito (18) agentes penitenciários, tendo como local de pesquisa o Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, localizado na Zona Sul da cidade de João Pessoa/PB.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para grande parte da população, o trabalho dos agentes dentro do sistema penitenciário é observado como algo desafiador, pois estão expostos aos riscos e estigmas que cercam essa instituição e todos os indivíduos que estão diretamente ou indiretamente associados a ela.

O ambiente de trabalho carcerário é caracterizado por peculiaridades, em termos de relações interpessoais. Nesse contexto, o trabalho do Agente de Segurança Penitenciário pode ser qualificado como estressante em função das condições precárias de trabalho, da desmotivação, da sobrecarga de tarefas, dos turnos prolongados, do limitado poder de decisão, entre outros. Tudo isso contribuiu para um maior número de experiências de estresse no trabalho, causadoras de doenças ocupacionais, entre estas, o estresse. (RUMIN 2006; SANTOS, 2010 apud TSCHIEDEL, 2012.).

A EET foi escolhida para mensurar e caracterizar o desfecho de estresse ocupacional, com fundamentação em indicadores de estresse organizacional de origem psicossocial.

Foram aplicados dezoito (18) questionários com os agentes penitenciários, no período de quatro meses, sendo de março a junho de 2015. Onde quatorze (14)

trabalhadores apresentaram índice de estresse, de acordo com a análise obtida a partir da soma das questões, divididas pelo número de perguntas.

De acordo com Paschoal; Tamayo (2004), quando o valor da média for igual ou superior a 2,0 já deve ser compreendido como indicador de estresse considerável. A média do grupo investigado teve média maior equivalente a 4,0 e menor 1,6, apresentando um elevado índice de estresse.

Após aplicação e análise dos dados, se destacaram três pontos fundamentais a serem trabalhados: a discriminação/favoritismo no ambiente de trabalho; a deficiência nos treinamentos para capacitação profissional; e, as poucas perspectivas de crescimento na carreira.

Outra categoria de estressores refere-se ao relacionamento interpessoal no trabalho. A grande maioria das ocupações envolve interações entre pessoas, seja entre colegas de mesmo nível hierárquico, superiores e subordinados, seja entre empregados e clientes. Quando essas interações resultam em conflitos tem-se uma outra fonte de estresse. (GLOWINKOWSKI; COOPER, 1987; JEX, 1998; PASCHOAL; TAMAYO, 2004.).

Na categoria dos fatores relacionados ao desenvolvimento da carreira, Glowinkowski; Cooper (1987) apud Paschoal; Tamayo, (2004). Destacam Escala de estresse no trabalho 47 os aspectos relacionados à falta de estabilidade no trabalho, ao medo de obsolescência frente às mudanças tecnológicas e às poucas perspectivas de promoções e crescimento na carreira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa, conseguimos observar a possibilidade de atuação da terapia ocupacional para uma reestruturação da rotina de trabalho, possibilitando uma diminuição nos fatores de estresse dos agentes do sistema penitenciário.

Quando a atividade do trabalhador é reconhecida e valorizada pela organização, o trabalho se torna estruturante na identidade do indivíduo, mas quando esta mesma atividade não é significativa para o sujeito, para a organização nem para a sociedade, ela pode ser fonte de sofrimento. (DEJOURS, 1992 apud TSCHIEDEL, 2012).

Com a verificação da pressão e da carga excessiva de trabalho, foram identificados alguns pontos específicos que ocasionam o estresse, sendo assim, discutidos com os trabalhadores, com a finalidade de minimizar os danos psíquicos decorrentes do trabalho. A partir das observações, verificou-se a necessidade de organização do posto de trabalho dos agentes penitenciários, tanto no que tange as características da atividade profissional, quanto ao papel da instituição perante esse trabalhador.

Como forma de iniciarmos as atividades da Terapia Ocupacional com os agentes, está sendo planejando a realização de oficinas e grupos terapêuticos, e através destes, será possível alcançar uma quantidade maior de pessoas durante um determinado momento, onde os participantes compartilharão suas ideias, opiniões e comportamentos. As atividades serão desenvolvido dentro do Centro de Reeducação tendo como ponto focal a redução do estresse e melhoria da qualidade de vida no trabalho, tendo estas, uma rotatividade dos integrantes, em decorrência dos plantões, que coincidem as diferenças de níveis hierárquicos, além destes profissionais trabalharem em sistema de turnos. Por fim, serão realizadas avaliações periódicas, como forma de analisar os efeitos das atividades desenvolvidas pela extensão.

REFERÊNCIAS

CUNHA, F. E. Ressocialização: o desafio da educação no sistema prisional, **Cad. Ced. Campinas**, vol. 30, n. 81, p. 157-178, mai/ago. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622010000200003. Acesso em: 16 de agosto de 2015.

FILGUEIRAS, J. C.; HIPPERT, M. I. S. A polêmica em torno do conceito de estresse. **Psicol. cienc. prof.**, vol.19, no.3, Brasília 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931999000300005&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 set. 2015.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: o nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramalhete. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

J. C.; HIPPERT, M. I. S. A polêmica em torno do conceito de estresse. **Psicol. cienc. prof.**, vol.19, no.3, Brasília 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931999000300005&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 de agosto de 2015.

MUCHINSKY, P. M. *Psicologia Organizacional*. São Paulo: Pioneira Thompson Learnig, 2004.

SILVA, L. Q.; YAMADA, K. M. Estresse ocupacional em trabalhadores de uma unidade de internação de um hospital- escola, n.7, v.1, p.98-105, jan/Março de 2008.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Validação da Escala de Estresse no Trabalho, *Estudos de Psicologia*, n.9, v.1, p.45-52, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22380.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2015.

TSCHIEDEL, R. M. O trabalho mental e suas implicações na saúde mental dos agentes de segurança penitenciária. 2012. 51 f. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica)- Programa de Pós- Graduação em Psicologia, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS. 2012. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000003/00000346.pdf>> Acesso em: 10 set. 2015.